

“SONHO em pintar o Masp”

As bailarinas de Moscou e de Paraisópolis pairam no ar, conferindo sensação de leveza. A obra de arte *O Pensador* reflete sobre a existência na parede do Senac Tatuapé. Na praça Oswaldo Cruz, onde começa a Avenida Paulista, um Oscar Niemeyer circunspecto, ainda que retratado no mosaico multicolorido, observa a fragmentada paisagem humana que se movimenta pela região. Os murais pintados por Eduardo Kobra nesses lugares mudam o tom e a cara de esquinas e prédios e valorizam a região à medida que quebram o cinza e renovam a paleta urbana, além de levar os passantes a reparar melhor na arquitetura. De repente, você passa e enxerga em seu caminho a beleza que antes era só uma possibilidade.

O artista se define como “muralista”, título que conquistou depois de executar centenas de painéis em paredes e muros, em São Paulo e mundo afora. Podem ser vistas obras de Kobra nos bairros paulistanos de Santo Amaro e Vila Madalena e nos Estados de Brasília e Recife, além das internacionais Nova York, Miami, Tóquio, Moscou, Dubai, entre muitos outros lugares.

Os grandes temas do artista são a luta pela paz e as preservações da memória e da natureza, com especial atenção para o combate à crueldade contra os animais. Kobra, com 39 anos, pinta desde os 12 e garante ter perdido a conta dos trabalhos feitos. De centenas executados, atualmente, na ca-

pital paulista, há cerca de 50 murais públicos. Faz parte do jogo a natureza efêmera de alguns. Ele guarda em seu arquivo 3 mil fotos de obras espalhadas pelo planeta. Algumas são singelas; outras, contundentes – como a pintura da cama em 3D feita para “abrigar” uma moradora de rua. Todas contêm significados que vão além do visual. “Não faço nada só pela estética”, diz. De painel em painel, vai dando seus recados.

Kobra é, hoje, um homem muito ocupado. Concedeu a presente entrevista à revista **C&S** em várias etapas, em meio a compromissos nacionais e internacionais. Leia os principais trechos das conversas.

Foto: Miguel Schincariol



**AS OBRAS DO ARTISTA PLÁSTICO EDUARDO KOBRA SÃO VISTAS
POR MILHARES DE PESSOAS TODOS OS DIAS, PINTADAS EM
PRÉDIOS, MUROS E RUAS – DE SÃO PAULO, NOVA YORK OU DUBAI**



Foto: Divulgação

COMO SURGEM AS IDEIAS PARA OS MURAIIS?

Todas as ideias começam em um bloco de anotações. Episódios do meu dia a dia me inspiram e vou guardando. Depois, viam desenhos. De um caderno com 500 deles, apenas alguns vão parar no muro.

QUAIS SÃO OS CRITÉRIOS PARA ESCOLHER AQUELES QUE VÃO PARA OS MUROS?

Depende do espaço e da localização. Às vezes, surge a oportunidade de pintar em algum lugar e não tenho nenhum

desenho que sirva. O mural precisa dialogar com o local no qual será pintado. Exemplo: em janeiro de 2009, fizemos para o aniversário de São Paulo o mural na Avenida 23 de Maio, que mostra cenas da década de 1920. Foi uma declaração de amor à cidade, que tinha sentido ali.

COMO É O PROCESSO DE CRIAR UM MURAL? VOCÊ PROCURA O LUGAR OU ACEITA ENCOMENDAS?

Acontece de duas maneiras. Mais frequentemente, eu encontro um local

interessante e vou atrás das autorizações para pintar. Praticamente todos os murais de rua na cidade de São Paulo são assim: sem associação com empresas ou marcas, nada. Não ganho dinheiro quando são trabalhos que eu quero fazer.

VOCÊ USA SEUS PRÓPRIOS RECURSOS, GASTA SEU TEMPO E NÃO RECEBE NADA?

Sim. Faço porque tenho vontade de ter um mural em determinado lugar. Foi assim com *Sem Rodeio*, feito dentro do Projeto Greenpincel, pintado na Avenida

“ Não no sentido formal, sou autodidata. E hiperativo. Aprendi fazendo, pesquisei muito. Observo, leio, visito museus e galerias. Se somar tudo o que já estudei, devo ter feito umas cinco faculdades ”

Faria Lima. O painel é contra a exploração de animais em rodeios. Uso a arte para defender ideias que julgo corretas.

COMO CONSEGUE ISSO? QUAL É A SUA FONTE DE RENDA?

A venda de obras, por galerias na Europa e nos Estados Unidos, possibilita viver e tocar projetos que me deem apenas satisfação.

LICENCIAMENTOS GERAM RENDA? ENCONTREI ONLINE UMA GALERIA AMERICANA NA QUAL SUAS OBRAS PODEM SER COMPRADAS ESTAMPADAS EM FORMATO DE CARTÕES, PÔSTERES, CAMISETAS, ECOBAGS...

Essa venda é ilegítima. Não licencio as obras para vendas em produtos.

E NO BRASIL HÁ GALERIAS QUE VENDEM SUAS OBRAS?

Não. Decidi não trabalhar com nenhuma galeria no Brasil. Prefiro não detalhar os motivos.

ALGUÉM AJUDA VOCÊ?

No estúdio, trabalham 20 pessoas, mas somente quatro artistas me acompanham na pintura dos painéis. Nunca vou sozinho, porque seria impossível realizar esses murais de grandes dimensões sem ajuda. O Agnaldo Brito é o cara sempre presente, está comigo há 15 anos. Os

outros três estão na maioria dos trabalhos. Até por questões financeiras, nem sempre dá para levar todo o grupo.

VOCÊ ESTUDOU ARTE?

Não no sentido formal, sou autodidata. E hiperativo. Aprendi fazendo, pesquisei muito. Observo, leio, visito museus e galerias. Se somar tudo o que já estudei, devo ter feito umas cinco faculdades.

ONDE VOCÊ TEM FEITO MAIS TRABALHOS ULTIMAMENTE?

Em todos os lugares ao mesmo tempo! Estou finalizando uma obra sobre Ayrton Senna, em um kartódromo de São Paulo. Acabei de voltar de Mineápolis, nos EUA, onde pintei um mural permanente com a figura de Bob Dylan (é a cidade natal dele). A prefeitura está transformando a área em um setor de galerias e fomos convidados para inaugurar o setor.

UMA OBRA DESSE PORTE ATRAI MAIS INTERESSADOS EM TER SEUS PAINÉIS?

Sim. Somente esse, do Bob Dylan, saiu em mais de 50 órgãos de mídia nos EUA. Os contatos acontecem porque nossos painéis estão em locais de grande visibilidade, e nos convidam para fazer outros.

CHEGA A RECUSAR SERVIÇO?

Atualmente, posso me dar ao luxo de escolher. Recebemos convites de vários

lugares do mundo e não damos conta de atender a todos. Às vezes recuso porque vai tomar tempo demais, em outras, não concordo com o tom político ou comercial que querem imprimir.

MAS VOCÊ JÁ FEZ MURAIIS PATROCINADOS?

Já, mas só topamos se for sem interferência. Não fazemos se houver associação com coisas nas quais não acreditamos. E precisa haver consistência. Como o retrato do Niemeyer, não basta ser uma celebridade, precisa fazer sentido para quem olha, ter um conceito, dialogar com a arquitetura.

VOCÊ TOPA APENAS QUANDO ACREDITA NAQUILO QUE A PESSOA PREGA? COMO FOI O CONVITE PARA TRABALHAR NA CAMPANHA DE HILLARY CLINTON?

De certa forma. Talvez eu não fizesse para outro candidato. Fui convidado, juntamente com outros três artistas: um do Japão, outro da América Latina e um americano, para fazer o design de um retrato, no estilo feito pelo Shepard Fairey para a campanha do Obama. Já entreguei, mas ainda não foi divulgado. Só posso mostrar depois que eles lançarem, porque o contrato é restritivo. O que sei é que, no fim, irá a leilão e vou receber parte do dinheiro que render.

VOCÊ INCLUI SEU PRÓPRIO VIÉS POLÍTICO NAS OBRAS?

Sim, sempre. Nada partidário, longe disso. Mas, por exemplo, na série *São Paulo – Uma Realidade Aumentada*, retratamos a bailarina Daniela Oliveira, do Ballet Paraisópolis. É uma menina que batalha para conquistar um lugar, mesmo contra as adversidades. Eu me identifico com ela. Na Praça Roosevelt, mais de 200 pessoas grudaram seus currículos na obra

“Praticamente todos os murais de rua na cidade de São Paulo são assim: sem associação com empresas ou marcas, nada. Não ganho dinheiro quando são trabalhos que eu quero fazer”

Curriculum Vitae, que transpunha para o muro as qualificações de um desempregado. Na Cracolândia, pintamos no chão uma cama em 3D para uma moradora de rua, que não tem onde dormir. Isso tudo ultrapassa a estética e entra na política.

IMAGINO QUE ALGO, ASSIM, CONTUNDENTE, TOQUE MUITA GENTE. VOCÊ RECEBE O FEEDBACK DE QUEM PASSA PELOS LOCAIS?

Sem dúvida. Hoje muito mais do que antes, em razão da internet, que facilita o contato. Além disso, fico cinco, dez dias fazendo uma obra. Vejo a reação das pessoas no momento em que estou pintando. Em função disso, criamos no estúdio o projeto *Envolve-se*, justamente para convidar as pessoas a acompanhar a execução de painéis. Abrimos essa possibilidade e têm aparecido muitos interessados.

VOCÊ LEMBRA DE ALGUM EPISÓDIO EM PARTICULAR QUE ENVOLVA O PÚBLICO?

Foi particularmente emocionante ver as reações em Dubai. Era a primeira vez que o governo dos Emirados Árabes autorizava um mural público e permanente na cidade. Teve toda a dificuldade, porque eles não estão acostumados com artistas de rua. Mas foi juntando gente... Foi um dos trabalhos mais legais que fiz.

HÁ REAÇÕES CONTRÁRIAS? ALGUMA OBRA SUA JÁ FOI PICHADA?

Não. No Brasil, nada sério. Em São Paulo, principalmente, existe uma ética da rua. Nunca tive problemas com outros grafiteiros ou pichadores. Eles respeitam o meu trabalho, assim como eu sempre os respeitei. Já fui um deles. A pichação foi uma plataforma importante para mim. Jamais vamos apagar o trabalho de outra pessoa para colocar o nosso por cima. O maior problema que tive foi fora do Brasil.

ONDE? COMO ACONTECEU?

Foi na Grécia. Pintamos *Evolução Desumana*. O mural mostrava um macaco, que evoluía para um homem da guerra e destruiu a Terra. O objetivo não era falar que o homem surgiu do macaco, mesmo porque nem eu acredito nisso. Sou cristão, então, não creio nessa teoria. A ideia do mural era dizer que a humanidade está acabando com o planeta. Mas grupos de religiosos ortodoxos entenderam errado e arruinaram o painel.

VOCÊ NOTA VALORIZAÇÃO NO ENTORNO DE SUAS OBRAS?

Isso acontece. Pinto em lugares nobres e também em favelas e comunidades. Percebemos uma mudança de hábitos. Vários espaços que antes sofriam,

onde as pessoas jogavam lixo, passam a ser mais nobres. Aí, em vez de jogar lixo, começam a fotografar e mostrar aos amigos via redes sociais. É gratificante perceber que meu trabalho ajuda as pessoas, antes envergonhadas por morar na favela, voltarem a ter orgulho dos lugares que fazem parte do seu caminho. É o melhor de tudo: a valorização não acontece apenas no plano físico, arquitetônico. É valorização do ser humano. Quando isso acontece, é o que faz tudo valer a pena.

QUAL É O PAINEL QUE SONHA PINTAR?

Gostaria de pintar as colunas vermelhas do Masp. É um local emblemático para os paulistanos. Faria nelas um painel, talvez em 3D, mesmo que fosse temporário. Depois de três, quatro meses, voltariam à cor original.

E SEUS PRÓXIMOS PROJETOS?

Nos próximos meses, nos EUA, faremos dois murais em Palm Beach, um deles com Shakespeare na fachada de um hotel centenário. Também na Flórida, em Sarasota, participaremos de um festival de pinturas em 3D no piso. E queremos ainda fazer, em breve, uma série de dez murais em Nova York, sobre a história da cidade. &



Foto: Miguel Schinneriel